



“Alma”, de Itamar Vieira Junior: uma análise na perspectiva das neonarrativas de escravidão

“Alma”, by Itamar Vieira Junior: an Analysis from the Perspective of Neo-slave Narratives

Shirley de Souza Gomes Carreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/ Brasil¹
shirleysgcarr@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-8787-8283>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o conto “Alma”, de Itamar Vieira Junior, publicado na coletânea *Doramar ou a odisseia: histórias* (Vieira Junior, 2021), na perspectiva das neonarrativas de escravidão (Rushdy, 1997), ou seja, de narrativas que se ambientam na época do sistema escravagista e se apropriam de alguns elementos típicos dos relatos de escravos dos séculos XVIII e XIX, como a enunciação em primeira pessoa, o relato das atrocidades do regime escravocrata e da fuga. As neonarrativas de escravidão surgiram em um contexto anglófono na década de 1960, entretanto, se difundiram nos países em que o sistema escravocrata foi implantado, e há várias obras que podem ser assim compreendidas na literatura brasileira contemporânea. O artigo reflete também sobre o modo como essas narrativas produzem novas formas de experiência estética, bem como um realismo afetivo (Schøllhammer, 2013) que é evocado além da representação. No conto de Vieira Junior, o efeito de realidade está estreitamente ligado à questão étnico-racial e à intervenção na realidade receptiva (Schøllhammer, 2012, p. 130).

Palavras-chave: Alma; neonarrativa de escravidão; realismo afetivo.

Abstract: This paper aims to analyze the short story “Alma”, by Itamar Vieira Junior, published in the book *Doramar ou a odisseia: histórias* (Vieira Junior, 2021), in the perspective of neo-slave narratives (Rushdy, 1997), that is, of narratives that take place at the time of the slave system and appropriate some typical elements of the slave narratives from the 18th and 19th centuries, such as the first person narrative, the report of the atrocities of the slave regime and the escape. The neo-slave narratives emerged in

¹ Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Brasil (CNPq), do Prociência UERJ/Faperj e do APQ1 Faperj E-26/211.808/2021.

an English-speaking context in the 1960s, however, they spread in countries where the slave system was implemented, and there are several works that can be understood in this way in contemporary Brazilian literature. The article also reflects on how these narratives produce new forms of aesthetic experience, as well as an affective realism (Schöllhammer, 2013) that is evoked beyond representation. In Vieira Junior's short story, the reality effect is closely linked to the ethnic-racial issue and the intervention in the receptive reality (Schöllhammer, 2012, p. 130).

Keywords: Alma; neo-slave narrative; affective realism.

À guisa de introdução

Desde a publicação de *Torto arado* (2019), seu romance de estreia e vencedor do Prêmio Leya, Itamar Vieira Junior tornou-se uma celebridade no meio literário, obtendo também os prêmios Oceanos e Jabuti de 2020. A extraordinária receptividade do livro deveu-se não apenas ao caráter inovador de sua escrita, mas também ao engajamento em questões sociais.

O conto “Alma”, de Itamar Vieira Junior, faz parte da coletânea *Doramar ou a odisseia*, publicada em 2021, e consiste no relato de uma escravizada em sua luta por liberdade. O objetivo deste artigo é analisá-lo na perspectiva das narrativas de escravidão contemporâneas e do modo como estas produzem o efeito do real.

A escravidão deu origem a um conjunto de manifestações culturais tais como as canções que expressavam a melancolia dos escravizados e uma vasta tradição oral, mas também permitiu o surgimento das primeiras narrativas de escravizados (*slave narratives*) dentro de um sistema que negava ao cativo o letramento. Esses relatos, produzidos nos Estados Unidos e no Reino Unido nos séculos XVIII e XIX, narravam as histórias de ex-escravizados, que, após conquistarem a liberdade, tornavam públicas as agruras da escravidão; relatando a experiência da captura, o transporte da África às colônias, a brutalidade do trabalho nas *plantations* e eventuais fugas (Hawkins, 2012).

No Brasil, não houve uma produção semelhante. O único relato de que se tem notícia é a biografia de Mahommah G. Baquaqua, um escravizado que esteve no país por dois anos, cujo texto foi publicado em inglês em 1854. Segundo o brasilianista e historiador Robert Krueger (Vieira, 2015), que atualmente organiza um banco de dados com os poucos registros escritos que

há em português – entre eles uma carta de dezessete linhas da escravizada Esperança Garcia, datada de 1770 e endereçada ao governador da capitania de São José do Piauí (Mott, 1985) –, a imensa maioria dos escravizados brasileiros era analfabeta, razão pela qual as fontes até agora disponíveis são processos criminais, relatos de abolicionistas ou teses historiográficas.

Com a abolição da escravatura, as narrativas de escravizados caíram no esquecimento e somente na década de 1960, na esteira do Movimento dos Direitos Civis, a escravidão voltou a ser objeto da literatura, porém, obviamente, em uma abordagem ficcional. O romance *Jubilee*, de Margaret Walker, tem sido considerado o marco do surgimento de uma nova vertente literária, denominada neonarrativa de escravidão (Bell, 1987; Rushdy, 1999), que alcançou amplo reconhecimento na penúltima década do século XX, principalmente após a publicação do romance *Amada*, de Toni Morrison (2007). A partir de então, houve uma espécie de *boom* dessas narrativas, que não mais se restringiram ao contexto afro-estadunidense, expandindo-se em outros países que também estiveram sob o regime escravocrata, dentre eles, o Brasil.

De acordo com Joan Anim-Addo e Maria Helena Lima,

[a] escravidão tornou-se uma contra-história da modernidade, uma história que foi apagada da narrativa teleológica do Iluminismo europeu sobre racionalidade e progresso. [...] Dada a existência do Atlântico Negro como realidade histórica e um quadro teórico para dar conta da circulação de corpos e ideias entre África, Caribe, Estados Unidos e Europa, seu escopo precisa ser ampliado para incluir o mundo lusófono, a África anglófona, francófona e hispanófona e a caribenha, bem como diferentes partes da Europa (Anim-Addo; Lima, 2018, p. 3, tradução nossa)².

Na literatura brasileira contemporânea, *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2019), e *Água de barreira*, de Eliane Alves Cruz (2016),

² No original: “Slavery has become a counter-history of modernity, a history that has been erased from the European Enlightenment teleological narrative of rationality and progress. [...] Given the existence of the Black Atlantic as a historical reality and a theoretical framework to account for the circulation of bodies and ideas between Africa, the Caribbean, the United States, and Europe, its scope needs to be extended to include the Lusophone world, the Anglophone, Francophone and Hispanophone Africa and the Caribbean, as well as different parts of Europe”.

são indubitavelmente os exemplos mais significativos, embora haja várias obras que têm a escravidão como tema. Para Anim-Addo e Lima (2018, p. 1), “as principais razões para esse desejo [...] de reescrever um gênero que perdeu oficialmente sua utilidade com a abolição da escravatura são a vontade de reafirmar o valor histórico da narrativa escrava original”³ e de ensinar reflexões éticas a partir de versões (re)imaginadas da subjetividade dos escravizados que reiteram a sua humanidade em um contexto desumanizador.

As neonarrativas de escravidão buscam assemelhar-se, em alguns aspectos, às *slave narratives*, seja pela adoção da voz narrativa em primeira pessoa, seja pelo teor do relato, que tanto pode focalizar a travessia da passagem do meio, como pode estender-se ao trabalho nas fazendas, aos castigos infligidos aos cativos e ao relato da fuga. Entretanto, a par dessa semelhança, as neonarrativas assumem um caráter revisionista na medida em que visam a colocar em xeque o arquivo colonial sobre a escravidão, concedendo ao sujeito escravizado algum tipo de empoderamento. Ao invés do caráter informativo que predominava nas *slave narratives*, as neonarrativas apresentam “inovações formais que buscam convocar a interpretação do leitor” (Carreira, 2021) e, ao fazê-lo, produzem novas formas de experiência estética.

Neste artigo, defendemos a posição de que as neonarrativas de escravidão produzem o que Schøllhammer (2013) denominou realismo afetivo, ou seja, o real que é evocado além da representação. Ao discorrer sobre a presença do real na literatura contemporânea, Schøllhammer afirma que

[o] realismo hoje aparece numa estranha combinação entre representação e não representação, por um lado visível na retomada de uma herança de diferentes formas históricas e por outro na atenção em relação à literatura em sua capacidade de intervir na realidade receptiva e de agenciar experiências perceptivas, afetivas e performáticas que se tornam reais. (Schøllhammer, 2012, p. 129).

Muito embora a maior parte das neonarrativas de escravidão pertença ao gênero romance, conforme buscaremos comprovar, o conto “Alma”,

³ No original: “The main reasons for this seemingly widespread desire to rewrite a genre that officially lost its usefulness with the abolition of slavery are the will to re-affirm the historical value of the original slave narrative”.

de Itamar Vieira Junior, que é objeto de nossa análise, reúne as principais características que definem essa vertente literária.

“Alma”: uma neonarrativa de escravidão?

No conto de Itamar Vieira Junior, a narradora, Alma, é uma escravizada cujos senhores perdem seus bens e são obrigados a se instalar em um antigo sobrado pertencente à família. Apenas três dos escravizados que possuíam partem com eles: a protagonista, Luzia e Inácio. Os objetos e móveis que lhes restam serão transportados de barco e o senhor pede a Inácio que verifique as condições da embarcação. Durante a travessia, o barco começa a inundar-se devido a um furo no assoalho e parte da carga se perde. Atribuindo a culpa a Inácio, em um ato de fúria, o senhor bate violentamente no escravizado e o joga de bruços no assoalho furado do barco para obstruí-lo, fazendo com que ele se afogue. Revoltados com sua atual condição, os senhores se tornam cada vez mais violentos com Alma e Luzia. Quando esta compra a sua alforria com a ajuda das irmandades negras da cidade, todo o serviço da família recai sobre Alma, que, cansada da exploração e dos maus tratos, decide envenenar os senhores e fugir.

Essa síntese da fábula demonstra de maneira clara a filiação do conto à vertente das neonarrativas de escravidão: é uma narrativa em primeira pessoa, conduzida por uma escravizada, que narra a própria luta para obter a liberdade. Há, portanto, um discurso que simula a forma e o teor das *slave narratives*, traço distintivo das neonarrativas de escravidão. Entretanto, é necessário recordar que, nessa vertente literária, essa simulação não é apenas uma intertextualidade de forma e de conteúdo; vai além, ensejando questionamentos acerca de conceitos como raça, gênero, sexualidade, lugar e um debate sobre até que ponto as práticas do passado permanecem atuais. Ao convocar o olhar contemporâneo sobre o passado, ela exige um posicionamento crítico do leitor.

Valerie Smith (2007), em sua teorização acerca das neonarrativas de escravidão, argumenta que a produção mais recente – a partir da década de 1980 – tem abordado o tema a partir de uma miríade de perspectivas e de estilos, ora manifestando-se em uma forma que simula os romances realistas, fundamentada em pesquisas históricas, ora enveredando pelo experimentalismo narrativo pós-moderno, ora assumindo, até mesmo, a característica de ficção especulativa e incorporando elementos sobrenaturais

e viagens no tempo. Ainda segundo Smith (2007), até mesmo as neonarrativas de escravidão contemporâneas que se aproximam mais das *slave narratives* apresentam variações, desvinculando-se em grande parte da convenção que consistia em iniciar o relato com a frase: “Eu nasci escravo(a)”, seguida de informações sobre a paternidade do narrador, menção a um mestre cruel, descrição dos castigos infligidos aos cativos, das atividades impostas aos escravizados e da fuga.

Essa versatilidade se faz presente no conto de Vieira Junior, como demonstra o *incipit*, que se dá *in medias res*, em meio ao relato da fuga da protagonista:

Caminhei por muitas luas cheias, sob o sol de fogo, minhas mãos estavam sujas, minhas vestes rasgadas, destruídas, meu cabelo embolado como um novelo, sem um fio que fosse caminho para desatar, meus seios amarrados com uma teia de buriti, a pele cortada em todos os cantos, com cascões negros de sangue seco, os pés com os ossos rachados e com terríveis feridas, eu manejava as ervas que encontrava no meio da mata e fazia unguentos com as poças d’água, com a lama de qualquer resquício de frescor, com ervas vivas e verdes como a minha avó me ensinou, fazia tantas coisas, passava minha saliva também para curar minhas dores, sentida fome de fome, comia os frutos que encontrava nos caminhos, frutos que eu nunca tinha visto, e que travavam na minha boca com gostos amargos e de morte, mas muitos eram doces e me fortificavam, e se os pássaros e morcegos os tivessem mordido, eu comia sem medo; se não, babava temendo dos venenos, da morte terrível dos venenos, mas a fome doía, a fome corroía meu estômago, como a água que lava a pedra, e eu, uma mulher que caminha, e por um tempo só caminho, sou uma mulher que caminha sempre em frente e não volta para o que deixou lá longe, agora muito atrás de mim, caminho assim, esperando encontrar o acalante de um lugar onde existia a liberdade, eu, uma mulher que nasceu acorrentada aos desejos dos meus senhores, eu que não tinha nome porque não era nada, que um dia toquei no coração da minha senhora e ela disse que eu tinha uma alma eu, uma mulher diferente das outras que serviam àqueles senhores, uma alma, que caminho sempre para a frente, e deixei o mar e a água, deixei plantações de cana e casa branca, deixei o moinho d’água, os carros de boi, eu (Vieira Junior, 2021, p. 35-36).

A fuga é narrada por meio de um fluxo que revela a confusão mental da personagem, demarcado pelo uso ininterrupto das coordenadas sindéticas

e das subordinações. Conforme André Luís Gomes de Jesus (2021, p. 87) aponta, a narradora vivencia os efeitos do trauma, mas ainda mantém alguma lucidez devido à necessidade de construir estratégias de sobrevivência.

A consciência da objetificação da personagem se revela quando ela afirma que não era nada, mas passara a chamar-se Alma, porque, um dia, sua senhora viu nela algum traço de humanidade; traço este reconhecido graças à aceitação passiva de sua subordinação. Por muito tempo, foi difundida uma interpretação da bula *Dum diversas*, de Nicolau V, à qual é atribuída a afirmação de que os negros não tinham alma. A animalização dos escravizados justificava não apenas os atos de violência praticados contra eles, como também a dissolução de laços familiares, como a passagem a seguir demonstra:

[...] eu, uma mulher que pariu com dor esse filho que tiraram dos meus braços, que pariu outros tantos e todos os outros foram tirados de mim enquanto os amamentava e eles cresciam, eu, uma mulher, uma alma, que lutava todas as horas, e da primeira vez que me levaram um filho urrei de tristeza, como uma cadela, meus filhos foram arrancados como uma ninhada de cães, um a um foram retirando de mim (Vieira Junior, 2021, p. 36).

Ao final do conto, Alma justifica seu ato extremo, o assassinato dos senhores, “naquele dia que a alma deixou o corpo”, como o clímax de uma série de sofrimentos, físicos e psicológicos.

[...] sabia que, se desse as costas e fosse embora, eles iriam me buscar, eu, Alma, não podia fugir e deixar meus senhores como onças soltas para virem me caçar, muitas vezes vi como eles caçaram os homens pretos que fugiram, voltavam para ser castigados com muita dor, então eu fazia a refeição dos meus senhores, fazia sem dormir direito, sonhando quase acordada, eu, cansada, mas decidida a partir como Luzia se foi, então decidi servir com muita justiça aos meus senhores, bati com muita força as louças que eles tinham na cozinha, muitos tambores ressoaram na minha cabeça, até que minha senhora veio até mim para dizer que eu era uma crioula insolente, com ameaças de castigos, eu derrubei o tacho, eu mesma limpei o chão, os tambores não paravam na minha cabeça, aquela casa era uma terra de guerra, [...] busquei veneno para rato no fundo do sobrado, despejei uma quantidade maior do que colocava para os ratos e mexi com muita loucura aquele tacho, [...] servi meus senhores com suas caras

brancas, [...] eu os ouvi arrastarem a toalha da mesa com as louças se espatifando no chão, [...] passei por cima dos meus senhores sem olhar para eles (Vieira Junior, 2021, p. 55).

A imagem da alma que deixa o corpo é uma metáfora da liberdade. O conto revela uma protagonista insubmissa, resistente, distinta da imagem passiva do escravizado que era comumente veiculada na literatura e na iconografia colonial, conforme Cuti sinaliza: um vazio proposital cujo objetivo era “fazer o futuro acreditar que o passado nas fazendas escravistas foi pacífico por parte do oprimido” (Cuti, 2010, p. 33).

Alma decide fugir vestida como dama de companhia e, para isso, escolhe um dos vestidos da senhora, banha-se onde ela se banhava, usa sua colônia, trança o cabelo, enfeita-o com um laço e, então, começa a sua jornada: “então caminhei, a roupa foi se desfazendo, porque eram muitas luas, mas o vestido bonito se gastou no meu corpo, o vestido que ela mais gostava se gastou no meu corpo” (Vieira Junior, 2021, p. 37). Apesar de todo o sofrimento que a fuga lhe impõe, esse fato a consola, como uma pequena vingança.

As *slave narratives* geralmente continham relatos de fuga, porém, as rotas e estratégias usadas não eram explicitamente mencionadas para que não fossem descobertas pelos senhores de escravos. Ao criar versões ficcionais desses relatos, as neonarrativas de escravidão procuram reproduzir essa característica com o objetivo de intensificar o efeito do real. No conto de Vieira Junior, a rota é inóspita e não identificada. Só se sabe que Alma foge do litoral para o sertão. São muitas as dificuldades a serem vencidas e ela padece principalmente com a fome e a sede:

[...] deixei a beira do mar, não volto mais, porque minhas mãos guardam o preço da minha liberdade, eles me procuram, continuo a andar porque temo que me encontrem e façam de mim pedaços [...] água, tanta água eu via por onde passava no começo, tanto verde, tanto verde e tanta árvore, tanto mato, tanto sereno e tanta chuva, tudo rareando, tudo escasseando, tudo vi diminuir, ficar pouquinho, tudo foi ficando diferente, os rios foram diminuindo até virarem fios de água, o leito foi virando terra, eu caminhei para a frente, caminhei para onde o sol me guiava, não sabia para onde ir [...] fui caminhando, as árvores foram secando, elas tinham poucas folhas, o verde foi se tornando branco, cinza, verde pálido, marrom-claro, os animais eram mais vistos, estavam por trás da mata seca, dos espinhos [...] eu não

sou de contar, então não sei por quantas luas caminhei, deitava com a fome na barriga, nunca o que comia bastava para a fome que eu tinha, nunca, tanta fome de toda a caminhada, eu continuava a andar [...] uma vez de muita fome comi cupins de uma árvore oca, como um tamanduá, [...] porque a fome era grande, eu bebia água empoçada em qualquer chão, porque às vezes os rios estavam secos, ou iam para muito longe de onde o sol me levava, e quando havia qualquer chuva, mesmo que fosse pouquinha, eu saía do mato para a estrada e não temia que me encontrassem, ficava de boca aberta, os pingos muito ou pouco escorrendo na minha boca, lavando minhas feridas, essa vida era assim, mas a de antes era muito pior (Vieira Junior, 2021, p. 35-37).

Assim como os autores das *slave narratives* que, efetivamente, nasceram em cativeiro, Alma guarda na memória as histórias dos seus ancestrais, da avó, que tinha sido aprisionada por homens de outras aldeias e atravessara o mar pedindo aos seus deuses que não a deixassem descer ao mar como comida de peixes. Ela anseia por um retorno a um lugar que nunca conheceu: “sonhei com o dia em que voltaria para onde nunca fui [...] eu tomaria o primeiro navio e voltaria para o outro lado, o lado em que o sol nasce, de onde minha avó veio”. Os dados dessa pós-memória (Hirsch, 2012) surgem desordenados no discurso da narradora, entrecortados por outros acontecimentos, mas, aos poucos, se revelam ao leitor:

[...] eu, Alma, tenho uma história do outro lado do mar mesmo sem nunca ter ido para lá, minha avó me contou das roças de inhame, das festas para o deus da justiça, das roupas bonitas, das guerras dos povos e das famílias, minha avó me contou, ela falava outra língua que não essa, não aprendi muito a língua dela porque trabalhava quando era menina [...] mas eu ouvia minha avó e cada coisa que ela dizia, mesmo o que eu não sabia ia ouvindo, e quando podia, perguntava, porque nem sempre ela queria responder, ela queria mais era falar, pôr as coisas que doíam para fora, muitas vezes ela falou e eu só escutei (Vieira Junior, 2021, p. 34-35).

O fluxo da narrativa simula os processos mnemônicos, bem como a complexa relação entre memória e esquecimento⁴. Alma não apenas se

⁴ A memória humana (biológica), caracterizada como complexa, na sua estrutura e no seu funcionamento, precisa esquecer para não se sobrecarregar (Izquierdo, 2004).

afirma como mulher; ela também luta para não apagar da mente o sofrimento imputado aos seus ancestrais, a sua própria dor por ter sido separada de sua mãe e de seus filhos e por ter assistido à morte de Inácio, que fora mais do que seu amante. Cada uma das agressões sofridas é lembrada durante a sua jornada:

[...] carreguei para dentro de mim o sofrimento que infligiam à minha pele, nos atos, nas crianças brancas de quem cuidei, aquela senhora, aquela mulher, e as irmãs do meu senhor, elas reclamando do meu chá, reclamando da minha comida, rindo sorradeiras, eu como um bicho acuado, meus olhos tão logo ficavam vermelhos, porque elas me lançavam a todo momento desfeitas, eu sofria, eu, uma mulher, que olhava os pássaros antes que as senhoras se levantassem, escutava com muita atenção seus cantos quando o sol se erguia no céu, eu que queria o céu, que desejei muitas vezes não viver, que duvidei ter uma alma como minha senhora branca, carreguei nas minhas costas o peso das minhas correntes, carreguei o peso do que passou, carreguei o medo e a mágoa (Vieira Junior, 2021, p. 32-33).

Em um ensaio intitulado “The site of memory”, Toni Morrison (1995) afirma que, ao buscar reconstituir o passado, realiza uma espécie de arqueologia literária cujo objetivo é conter a amnésia histórica. Conforme sinaliza Roberto Ferreira Júnior (2022, p. 55), “os autores das neonarrativas tentam reimaginar as experiências vividas pelos escravizados e, ao mesmo tempo, produzir uma reavaliação do legado da escravidão para o presente histórico”. Como Tania Corghi Veríssimo nos faz lembrar, a denegação tem acompanhado o genocídio dos africanos ao longo da história do Brasil:

A escravidão é um arquivo do mal que escancara o mal de arquivo enquanto questão. Foi abolida oficialmente no século XIX, mas até hoje carrega as tentativas de recusa de sua real existência na história do país. [...] Há quem diga que a escravidão nunca existiu, que o racismo, legado do trauma da escravidão, não existe (Veríssimo, 2020, p. 160-161).

Ao fazer de uma negra escravizada a protagonista do conto, Vieira Junior desconstrói o estereótipo da personagem negra subalternizada e passiva. Ele concede a Alma um lugar para reconstruir a vida e uma voz:

Foi assim que cheguei a um lugar, um lugar muito quieto, muito sereno, um lugar sem cercas, sem casas, um lugar com árvores secas, mas um lugar, com bichos andando soltos, com a serra ao seu redor, com um monte no seu centro [...] eu deitei na terra, fatigada de tudo, deitei na terra de que evolava o calor, mas também emanava o frescor d'água, foi assim que deitei e fiquei por muito tempo deitada, num terreno aberto como um campo, cercado de árvores vivas, [...] abençoada por todos os ancestrais, que sofreram atravessando o mar em navios, que morreram antes de chegar e foram atirados no fundo d'água, comidos pelos bichos d'água, que ergueram roças de inhames na outra terra, a todos os guerreiros que guerrearam, a todas as conquistas que tiveram, a todas as derrotas que tiveram, os ancestrais estavam ali comigo, e deitaram comigo naquele chão, e sonharam com o amanhã, eu adormeci assim, dormi por três luas escuras, três dias de sol também, não tinha forças para me levantar, dormi como se estivesse morta, sem comer, sem beber, mas quando acordei tinha tanta força que parecia ter sido parida pela terra para viver naquele instante (Vieira Junior, 2021, p. 49-50).

Alma encontra nesse local a sonhada liberdade, tem outros filhos, que permanecem com ela, e um companheiro que a ajuda a cultivar a terra e criar animais. Outros negros se juntam a eles e o texto sugere que ali se forma uma comunidade quilombola, como mostra a passagem a seguir:

[...] um desses homens que me deu filho um dia voltou, sem gado nem alento, ficou na minha palhoça, cuidou dos meus meninos, não me bateu como os homens batiam nas mulheres, não me disse amor, mas trabalhou muito forte comigo, erguendo coisas que seu corpo permitiu que erguesse, ele me deu outros filhos, botou roças grandes de milho, colheu a esperança quando chovia e a morte quando havia seca, cavou o chão dessa terra e se embrenhou nos matos para trazer estacas, amassou o barro com a água da fonte que eu trazia na tina de água na minha cabeça, e levantamos a casa que seria nossa morada, e que refizemos muitas vezes ao longo da nossa vida, quando a chuva e o vento vinham sem piedade, levantamos as paredes, cobrimos com as palhas de buriti que trocávamos a cada verão, muitos filhos nasceram, outros irmãos de longe foram chegando e tiveram terra para roça e barro para construir suas casas, vieram de longe, tiveram filhos, chamamos aquele lugar de várias coisas (Vieira Junior, 2021, p. 47).

Ao narrar a própria história, a protagonista rompe a política de silenciamento imposta aos negros, pois “falar e ser ouvido é um ato de poder”

(Cuti, 2010, p. 33). Esse empoderamento é, indubitavelmente, uma das características das neonarrativas de escravidão, que desde o seu surgimento têm buscado desconstruir a narrativa hegemônica da história dos negros.

Outro aspecto relevante é o fato de que há uma diferença clara entre as narrativas e as neonarrativas de escravos: “enquanto os textos do século XIX descrevem os acontecimentos, ou mesmo os sentimentos, os do fim do século XX não falam de emoções indiretamente, eles são emoção, são narrativas para serem interpretadas e sentidas” (Nakanishi; Nigro, 2019, p. 72). Isso nos leva a afirmar que as neonarrativas de escravidão não constituem uma tentativa de reavivamento do realismo do século XIX e não têm a pretensão da representação tradicional do passado histórico. Elas são, antes de tudo, evocações do arquivo da escravidão e produzem efeitos do real que podem ser explicados por meio do conceito de *realismo afetivo* formulado por Karl Schøllhammer. Para o teórico, esse tipo de realismo “sublinha, na ficção, os elementos afetados pelo conteúdo, analisando como, simultaneamente, afeta a realidade que absorve em sua própria expressão” (Schøllhammer, 2014). O jogo entre a escrita ficcional, seu objeto e a realidade, interna e externa à obra, também afeta o leitor. É, portanto, na recepção que o efeito de real se concretiza.

Considerações finais

Neste artigo, propusemo-nos primeiramente a analisar o conto “Alma”, de Itamar Vieira Junior, na perspectiva de uma vertente literária surgida na segunda metade do século XX, denominada neonarrativa de escravidão, e, também, refletir sobre a presença do real nesse tipo de narrativa.

“Alma” dialoga com inúmeras fontes históricas e literárias sobre a escravidão. Como o seu estatuto é ficcional, o conto se alinha às neonarrativas de escravidão por conter algumas das suas características formais e temáticas, ou seja, por apresentar uma narradora-protagonista que, em tom confessional, rememora a sua vida até a conquista da liberdade, assemelhando-se aos relatos de escravizados publicados nos séculos XVIII e XIX, porém, com uma técnica narrativa contemporânea, que foge à ordenação cronológica e tem por intuito o efeito do real. Ao fazê-lo, cumpre o principal objetivo das neonarrativas, ou seja, rememorar a crueldade do sistema escravocrata e ensejar reflexões sobre os efeitos da escravidão no mundo hodierno.

Em seu contexto de produção, as *slave narratives* possibilitaram que os autores se apresentassem como protagonistas de suas próprias histórias, na medida em que focalizavam a transformação do sujeito desumanizado em um indivíduo livre emancipado. Nesse sentido, há também uma semelhança com as neonarrativas, visto que estas conferem empoderamento aos seus protagonistas.

Ao acompanhar as desventuras de Alma em sua trajetória em busca da liberdade, o leitor é afetado pelo que lê. Alma não é uma escravizada submissa, nem uma heroína romantizada. É uma mulher com todas as falhas e qualidades de um ser humano que reage ante um sofrimento que se torna insuportável. Não há novidade na narrativa de Alma. Não há nada que não tenha sido lido ou veiculado de alguma forma na mídia. Há uma sequência desordenada de acontecimentos na forma de um relato cuja força está no âmbito da linguagem, que, como discurso, evoca sentimentos e permite que o leitor projete a si mesmo naquele contexto, provocando uma experiência subjetiva não controlada pela vontade do indivíduo. A literatura agencia, assim, experiências perceptivas, afetivas e performáticas que se tornam reais.

Se, no passado, as *slave narratives* foram amplamente divulgadas pelos abolicionistas no intuito de angariar simpatizantes à causa abolicionista, no presente, as neonarrativas de escravidão evocam um olhar hodierno sobre um fato passado, de modo a não deixar que ele caia no esquecimento. Elas são experiências estéticas com o compromisso de fazer com que a lembrança do que foi o sistema escravocrata suscite um posicionamento ético sobre os seus efeitos no mundo contemporâneo.

Referências

ANIM-ADDO, J.; LIMA, M. H. The Power of the Neo-Slave Narrative Genre. *Callaloo*, v. 41, n. 1, p. 1-8, Winter 2018. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/1/article/736806/pdf>. Acesso em: 08 mar. 2023.

BELL, B. W. *The Afro-American Novel and its Tradition*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1987.

CARREIRA, S. de S. G. A representação do sujeito diaspórico em O livro dos negros, de Lawrence Hill. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 74, n. 1, p. 385-404, jan./abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e74747>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/74747/45285>. Acesso em: 10 out. 2022.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção consciência em debate).

FERREIRA JÚNIOR, R. Memory and the neo-slave novel in Colson Whitehead's *The Underground Railroad* and Ta-Nehisi Coates' *The Water Dancer*. *Rev. Bra. Lit. Comp.*, Porto Alegre, v. 24, n. 46, p. 41-57, jan./abr., 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222446rfj>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rblc/a/4CRyHZxVCyNJxknLMLfnnph/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 15 mar. 2023.

HAWKINS, C. *Historiographic Metafiction and the Neo-Slave Narrative: Pastiche and Polyphony in Caryl Phillips, Toni Morrison and Sherley Anne Williams*. 2012. Dissertação (Mestrado em Inglês) – Universidade Internacional da Flórida, Miami, 2012. Disponível em: <https://digitalcommons.fiu.edu/etd/741/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

HIRSCH, M. *The Generation of Postmemory: Writing and Visual Culture After the Holocaust*. New York: Columbia University Press, 2012.

IZQUIERDO, I. *A arte de esquecer*. São Paulo: Vieira & Lent, 2004.

JESUS, A. L. G. de. A vivência do choque e a construção realista em “Alma”, de Itamar Vieira Junior. *Sociopoética*, Campina Grande, v. 23, n. 2, p. 83-95, 2021. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/967>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MORRISON, T. *Amada*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORRISON, T. The Site of Memory. In: WILLIAM, Z. (ed.). *Inventing the Truth: the Art and Craft of Memoir*. 2. ed. rev. e exp. New York: Houghton Mifflin, 1995. p. 83-102.

MOTT, L. *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

NAKANISHI, D. S.; NIGRO, C. M. C. A escravidão presente na literatura afro-americana: três séculos observados. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 63-78, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.29.2.63-78>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18847>. Acesso em: 12 dez. 2022.

RUSHDY, A. H. A. Neo-slave Narrative. In: ANDREWS, W. L.; FOSTER, F. S.; HARRIS, T. (ed.). *Oxford Companion to African American Literature*. Nova York: Oxford University Press, 1997, p. 533-535.

RUSHDY, A. H. A. *Neo-slave Narratives: Studies in the Social Logic of a Literary Form*. New York: Oxford University Press, 1999.

SCHØLLHAMMER, K. E. Crítico fala sobre realismo e violência nas artes brasileiras. [Entrevista cedida a] Guilherme Freitas. *O Globo*, Rio de Janeiro, ano LXXXIX, n. 29/419, 22 fev. 2014. Caderno Prosa e Verso, p. 1-2.

SCHØLLHAMMER, K. E. Realismo afetivo: evocar realidade além da representação. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, DF, n. 39, p. 129-148, jan./jun. 2012.

SCHØLLHAMMER, K. E. Realismo afetivo: evocar realidade além da representação. In: SCHØLLHAMMER, K. E. *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. p. 155-185.

SMITH, V. Neo-slave Narratives. In: FISCH, Audrey (ed.). *The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 168-185.

VERÍSSIMO, T. C. A escravidão como mal de arquivo: apagamento e acontecimento na história do Brasil. *Alea: estudos neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 149-165, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2020223149165>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/vSYcr6smRNDmctpfB9S4dbQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2023.

VIEIRA JUNIOR, I. Alma. In: VIEIRA JUNIOR, I. *Dorammar ou a odisseia: histórias*. São Paulo: Todavia, 2021. p. 31-52. *E-book*.

VIEIRA, L. Relatos de cativos no Brasil em 1ª pessoa revelam de forma pungente seu sofrimento. *O Globo*, São Paulo, 21 fev. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/relatos-de-cativos-no-brasil-em-1-pessoarevelam-de-forma-pungente-seu-sofrimento-15402413#ixzz3SWL5cHJ2>. Acesso em: 15 set. 2021.